

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Liberal*

Class.: 73

Data: 15 de julho de 1983

Pg.: _____

Projeto Grande Carajás deixa 190 questão social fora do papel

— Não há em toda a literatura sobre o Projeto Grande Carajás qualquer referência à preocupação com os problemas sociais”. A afirmação é do jornalista de “O Liberal” e “O Estado de São Paulo” e estudioso dos problemas amazônicos Lúcio Flávio Pinto no simpósio “Grande Carajás” e a Problemática Indígena: os projetos de desenvolvimento na Amazônia e suas influências nas comunidades indígenas na conjuntura atual”.

Muito aplaudido por uma enorme platéia que acompanhava com atenção sua palestra e se deliciava com suas tiradas de bom humor, Lúcio Flávio Pinto disse, por exemplo, que grande parte dos artífices dos grandes projetos em implantação na região não tem mais que uma “concepção a jato” da Amazônia, porque, no máximo, a conhecem de bordo de um avião, sem qualquer contato com sua terra e sua gente.

Isso, segundo Lúcio, foi responsável pelas previsões “delirantes” que fizeram sobre o Projeto Carajás, quando afirmavam que em 15 anos a produção de borracha na Amazônia aumentaria dos atuais 20 mil/toneladas/ano para 900 mil toneladas, e que aqui se produziria 5 bilhões e 200 milhões de litros de álcool e que a

cada ano seriam implantados em Carajás dois projetos da magnitude do Jari, com a substituição da floresta natural, que seria transformada em carvão, por Pinus de Timor e outras espécies mais rentáveis.

“Hoje se sabe que tudo não passou de propaganda para facilitar a aquisição de financiamento para o único projeto que está sendo tocado dentro de Carajás: a extração de minério de ferro”, afirma Lúcio Flávio, mostrando que a afirmação da oferta de um milhão de novos empregos em Carajás é também outra balela e que, mantidas as taxas de imigração hoje registradas na Amazônia, isso significaria a atração irresponsável de 11 a 12 milhões de pessoas para a Amazônia que “inchariam” as nossas cidades, como aconteceu em Turucui, que em 10 anos teve sua população aumentada de 4.000 para 60.000 habitantes, gerando problemas sociais imensos.

Abordando a influência negativa dos grandes projetos nas populações que os cercam, o jornalista e sociólogo afirmou que o extrativismo, a pecuária intensiva e as atividades de subsistência não poderão coexistir pacificamente com os macro projetos voltados para a agro-indústria porque o homem só procurará um canto de terra para lavar, e até isso lhe é

negado, porque hoje, no Brasil, uma grilagem com título falso vale mais que a posse fática da terra”.

Exemplificando o que acaba de dizer, Lúcio Flávio afirmou que só em Conceição do Araguaia foram distribuídos títulos de terra que se somados, dariam uma área com 300 mil hectares a mais que o próprio território do município.

Lúcio Flávio abordou também a questão da Albrás-Alunorte, onde afirma que cada emprego oferecido custará 500 mil dólares, e descendo até a hidrelétrica de Tucuruí, disse que a não construção das eclusas no Tocantins, agora, será “um atestado de burrice universal, pois seremos o primeiro país do mundo a fechar um rio navegável com mais de 2.500 quilômetros com uma barragem”.

Finalmente, ele abordou a situação de Serra Pelada, onde diz não saber o que o choca mais, se a grande concentração de ouro no que pode ser chamada de a maior mina de ouro a céu aberto do Mundo, ou se a promiscuidade da maioria dos garimpeiros, iludidos com o sonho do enriquecimento fácil, mas que não têm um ganho mensal superior a Cr\$ 26 mil, em sua maior parte, segundo dados da Docego.

Reserva indígena: uma nação sem muito futuro

— A Antropóloga Lux Vidal denunciou ontem no Simpósio “Grande Carajás e a problemática indígena” que com o desvio da Transamazônica por causa da inundação do lago de Tucuruí, a partir deste ano, as terras dos índios Parakanãs já começam a ser loteadas, não se sabendo qual o futuro dessa tribo e de outras às margens do Projeto Grande Carajás.

Lux Vidal foi a mediadora do Simpósio, do qual participaram também o agrônomo Agostinho Guerreiro, do Ibase; o jornalista Lúcio Flávio Pinto, de O Liberal”; e o antropólogo Mércio Gomes, da Unicamp.

Segundo ela a transferência das responsabilidades de demar-

cação das terras indígenas para o Ministério Extraordinário de Assuntos Fundiários, “que até agora é um ministério abatado e misterioso”, foi totalmente absurda e prejudicial aos interesses das comunidades indígenas, e acrescentou que atualmente os índios já estão passando à condição de posseiros, expulsos daqui e dali, de acordo com os interesses que superpõe ao desses povos. Ela revelou, só para dar um exemplo prático, que após o escândalo da Capemi é que se descobriu que parte da madeira derrubada e comercializada pela falida empresa pertencia aos Parakanã, num montante de Cr\$ 350 milhões.

Lux Vidal falou em seguida ao antropólogo Mércio Gomes, que

fez um relato sobre a situação dos índios Guajajara, Urubu-Kaipó, Guajá, Krikati e Gavião, todos localizados na área de influência da rodovia Carajás-Itaqui.

Ele denunciou também que com a implantação dos grandes projetos agrícolas paralelos ao projeto de extração de ferro de Carajás, mais de 300 mil camponeses terão de ser relocados e disse acreditar que esses camponeses estejam sendo preparados para invadir as reservas indígenas do Maranhão, já que é voz corrente na região a necessidade de uma abertura das terras indígenas, embora isso possa levar os dois lados a conflitos inimagináveis.